

Saudações

Cumprimentos

Hoje é 25 de Abril 2026.

Cinquenta e dois anos passados sobre “O dia inicial inteiro e limpo” como lhe chamou Sofia de Mello Breyner.

A Assembleia Municipal da Covilhã volta a reunir-se, nesta sessão solene, onde, mais uma vez, em festa, o celebramos.

Como refere o Poeta Manel Alegre “foram dias, foram anos a esperar por um só dia, alegrias desenganos, foi o tempo que doía”.

E aqui estamos reunidos e comovidos, como deve ser na celebração da história da democracia e, nesse sentido, vai o meu profundo reconhecimento e agradecimento pelo respeito que a todos nos une, seja qual for o projeto ideológico, seja qual for a cor partidária, seja qual for a opinião.

Neste primeiro 25 de abril deste Novo Executivo orgulho-me do modo como todos fomos construindo a nossa Casa da Democracia, o lugar do diálogo da participação ativa de todos os que dela democráticamente fazem parte.

Neste 25 de Abril de 2026, aproveito a oportunidade para recordar e homenagear um grande escritor, um homem de abril, uma personalidade inquieta, apaixonante, um português que partiu no dia 5 de março deste

ano, considerado um dos maiores vultos da literatura portuguesa contemporânea.

Numa entrevista a uma jornalista espanhola, António lobo Antunes referia-se, em 2001, ao contexto vivido em Portugal nos dias que se seguiram à Revolução dos Cravos, do 25 de abril, de 1974: CITO,

“- Nessa altura toda a gente queria ser livre, mas não se sabia o que era a liberdade porque nunca a havíamos tido.

De repente, desaparece a polícia política, elimina-se a censura...os comportamentos mudam sem termos consciência disso. A gente passa de uma repressão atroz, para um ambiente onde tudo era permitido.

A gente não sabia o que fazer com a liberdade porque esta chegou subitamente de um dia para o outro e não era fácil assimilá-la”.

António Lobo Antunes refere ter escrito o livro FADO ALEXANDRINO para que a memória daqueles tempos de ditadura nunca se apague.

Referia que as pessoas entre os vinte e os cinquenta anos de idade não sabiam o que foi o 25 de abril de 1974, que nos trouxe a democracia e que nos abriu as portas para a Europa.

Lobo Antunes referiu ainda, na mesma entrevista, que por teimosia de um grande Ditador e de algumas famílias poderosas, mais de dez mil jovens tinham morrido na guerra do ultramar.

Sentiu na pele e na primeira pessoa toda esta adversidade e muito se penitenciou, ao longo da vida, pelo facto de também ele lá ter estado naquela guerra sem sentido.

Prestemos, pois, homenagem a um antifascista que tanto enobrece a nossa História.

- Um médico que dignificou o Serviço Nacional de Saúde.
- Um português que honra a nossa memória,
- Um homem que lutou pela liberdade de expressão,² que sempre denunciou as comissões de censura.
- Um escritor traduzido e admirado no mundo inteiro.
- Um homem de abril.

Recentemente, integrei um painel em Peraboa—pois a democracia também se constrói no quotidiano das aldeias—sobre o 25 de abril, com a temática—onde estavas no 25 de abril? - uma questão atribuída ao famoso escritor, cronista e jornalista Batista Bastos, também um homem de abril.

Um dos temas ali debatidos foi sobre a memória ou a falta dela sobre esses tempos fantásticos que muitos de nós vivemos, mas porque a lei da vida é inexorável, já muitos foram partindo...

Uma das sugestões do Painel foi que nas escolas básicas e secundárias existissem Centros de Interpretação sobre a Revolução dos Cravos, onde o cancionero das canções de abril seja devidamente explorado: a resistência, a liberdade, o sonho...

A verdade é que até na vizinha Espanha o 25 de abril tem sido celebrado nas escolas como exemplo, com textos alusivos e exposições temáticas.

Não duvido que também nas nossas escolas se celebra o 25 de abril.

Estivemos anteontem, dois militares de Abril (eu próprio e o “cantautor” António Duarte) que ainda ontem cantou aqui às portas desta Câmara, as canções da Revolução.

Estivemos, dizia eu, numa Escola da nossa Cidade em que cerca de uma centena de alunos e jovens professores quiseram ouvir o nosso testemunho pessoal.

Temos obrigação de tornar esta data não só memorável, mas que possa fazer parte da nossa identidade coletiva.

É meu entendimento que estes centros de interpretação devam existir para que a memória não se apague e que os valores de abril, como o respeito pela igualdade, pela dignidade humana e pela liberdade sejam incutidos nos nossos jovens, desde cedo.

Lembrar esta data é ter orgulho desta parte da nossa história, é saber desenvolver uma consciência de que o sentido e a crença na democracia começam em cada um de nós.

Todos juntos, sem brechas nem fissuras, temos de dar um claro e continuo contributo para a construção de uma sociedade plural, dialogante, uma sociedade moderna capaz de interpretar e enfrentar as crises próprias do

tempo em que vivemos: sejam económicas, sociais, institucionais, financeiras, migratórias.

As guerras que estamos a viver, onde milhares de inocentes perdem a vida, são um sinal claro de que uma outra ordem será estabelecida.

Mas, infelizmente não sabemos quando nem como.

Uma certeza nós temos. Estilhaçaram-se os antigos modelos das sociedades. O sentido de comunidade parece querer perder-se em cada dia que passa. A preocupação pelo outro, pelo próximo, tem vindo a desvanecer-se.

Na Dinamarca, nos primeiros anos, dos dez aos dezasseis, já se incorporaram, nos currículos, há muito tempo, aulas de EMPATIA. Essas aulas são obrigatórias e tem como objetivo criar crianças felizes. Ali têm oportunidade de desenvolver as emoções, com aulas praticas de diálogo e de escuta ativa, onde se resolvem conflitos e se promove e cultiva a amizade.

Enquanto tomamos consciência desta decomposição mundial, o digital, as inteligências artificiais entram nas nossas casas para o bem e para o mal. Mas ao tentarmos encontrar o equilíbrio é fundamental que o ser humano socialize, que o ser humano não caminhe para o individualismo.

O medo da guerra, a preocupação pelo futuro cada vez mais incerto que se adivinha, não nos pode tornar pessimistas, narcisistas e simultaneamente mais egoístas e mais egocêntricos.

Não pode, nem podemos consentir, é preciso educar para a tolerância, para a entre-ajuda, para o respeito pelos demais. Assim se constrói e se defende a democracia.

Já referi, a educação das crianças e jovens. Envio igualmente o meu apreço e gratidão, saudando muito particularmente todos os que se dedicam a tratar os nossos idosos.

Quando o mundo entra em turbulência, as camadas mais frágeis da população são os que mais sofrem.

É preciso olhar para os nossos idosos com carinho, com desvelo, com amor. Somos uma sociedade multi e plurigeracional, coexistimos “todos, todos, todos”, por isso completemo-nos.

Tenho invocado várias vezes a Miguel Torga que no seu livro Portugal falava destas gentes, gentes da Beira, cuja resistência é feita de granito, *disse ele.*

Disse Miguel Torga:

“Há rios na Beira?

-Descem da Estrela

Há queijo na Beira?

-Faz-se na Estrela

Há vento na Beira?

-Sopra-o a Estrela

A vida à sua volta abrolha e floresce

O Marão separa dois Mundos – o minhoto e o transmontano.

O Caldeirão no polo oposto de Portugal, imita-o como pode.

Mas a Estrela não divide, concentra.”

A verdade está no que temos conseguido:

No conhecimento, na educação, na cultura, na habitação, na evolução da ciência, no aumento da literacia das populações, nas conquistas da medicina, no respeito pela igualdade de género, na igualdade de oportunidades, na solidariedade social, no modo como sabemos integrar os migrantes.

Desde há muitos anos, a nossa Escola Industrial e as nossas fábricas têxteis criaram tecelões e técnicos que levaram o seu conhecimento para as fábricas de todo o País.

Hoje, os mesmos muros criam médicos e profissionais de saúde para todo o País e para o Mundo.

Por isso, sentimos orgulho em ser covilhanenses, porque é indiscutível que a nossa cidade, a nossa região, se inscrevem na rota do progresso, da solidariedade, do respeito pelas diferenças

Os covilhanenses souberam desde há muito:

CRIAR UMA TERRA

UM TERRITORIO

UMA CULTURA

UMA PAISAGEM

UMA CIDADE DE FIOS E PANOS

UMA CIDADE UNIVERSITARIA

Somos o exemplo vivo da canção que tantas vezes trauteamos sem nos apercebermos da mensagem de força que encerra:

Covilhã cidade neve, flor agreste de cantaria—somos simultaneamente a beleza da flor e a coragem e resistência da pedra de cantaria.

Na qualidade de Presidente da Assembleia Municipal da Covilhã sublinho e reitero o meu profundo agradecimento a todos os que em detrimento da sua vida pessoal abraçam a causa pública quer no âmbito da Assembleia, quer na autarquia, ou nas juntas de freguesia que tão sabiamente têm auscultado as necessidades das populações, lutando pelo seu bem estar, pela preservação da sua riqueza cultural, seja dos costumes seja das suas tradições, porque é neste direito à diferença que assenta a diversidade de culturas ancestrais que fazem a nossa história e a nossa identidade.

Hoje, num dia que se celebra a liberdade que tanto custou a conquistar, e mais uma vez saúdo a coragem dos Capitães de Abril. Que a memória destes feitos gloriosos nunca se perca.

Mais do que nunca vivemos um horizonte onde a esperança não pode perder-se.

Evidentemente que a democracia não é perfeita... Mas deve estar sempre em permanente construção com pessoas e com movimentos da sociedade.

Há muitos objetivos que ainda não foram conseguidos: É PRECISO CONTINUAR A ACREDITAR que a liberdade é um bem para se guardar, como cantava Luís Goes.

Relembro aqui os que tão nobremente foram responsáveis pela nossa Constituição, que nos tem garantido estabilidade política. Que os nossos jovens aprendam a saber honrar o legado dos Constituintes!

Falei nestes tempos de guerra. Mas a esperança, como diz EDGAR MORIN, não pode perder-se.

Temos, pois, de acreditar, que esta crise vai ser um recomeço de uma nova organização social, cultural e económica.

E temos de acreditar que todos juntos vamos conseguir.

A Assembleia Municipal é o lugar de eleição para serem discutidos os grandes temas da atualidade em prol da segurança, do progresso e do bem-estar das populações.

O modo como todos interagimos, o respeito pela liberdade de todos e de cada um faz da Assembleia Municipal um lugar onde a liberdade naturalmente se celebra, lugar de múltiplas opiniões, de diversas interpretações, um lugar de reflexão, de ação, mas onde moram o respeito, a esperança e onde o sonho também tem lugar.

Para terminar, Invoco novamente um dos nossos poetas de Abril, Ary dos Santos.

Agora que já floriu

A esperança na nossa terra

As portas que abril abriu

Nunca mais ninguém as cerra

E o grito que foi ouvido

Tantas vezes repetido

Dizia que o povo unido

Nunca mais será vencido!

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

Viva a Covilhã!